

ARQUITETURA DAS ESTÂNCIAS E FAZENDAS DO RIO GRANDE DO SUL: DISTRIBUIÇÃO INTERIOR E GÊNESE.

Luís Henrique Haas Luccas

Este artigo foi extraído da Dissertação de Mestrado de título “Estâncias e fazendas: a arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul”.¹ Apresenta o tema de forma resumida, enfatizando a questão da distribuição interior. Examina as prováveis vertentes da gênese desta casa rural, refletindo sobre o tema dos obscuros caminhos percorridos pela transmissão do conhecimento arquitetônico e da dialética entre o popular e o erudito na síntese de tipologias regionais.

INTRODUÇÃO

“Chama-se estância no Rio Grande do Sul uma circunscrição dada das campinas do país, povoada de gado, cavalos e mulas, e, em certas porções, partes de carneiros; tem ordinariamente a extensão de uma sesmaria, às vezes de duas, de três e mais; os animais multiplicam-se nelas na razão da quantidade inicial, da vastidão do território e da bondade dos pastos.” (Nicolau Dreys, 1839)

As estâncias foram estabelecimentos rurais destinados inicialmente à reunião e invernção do gado solto remanescente das Missões Jesuíticas, com o objetivo de ser deslocado e comercializado no centro do país através de Sorocaba. Com o decorrer dos anos ampliam-se as atividades iniciais, passando ao criatório efetivo, às atividades agrícolas e às atividades fabris incipientes, como a produção da farinha de mandioca em atafonas, de charque, o curtimento de couro, entre outras mais recentes. Essas propriedades de origem luso-brasileira passam a denominar-se igualmente fazendas, permanecendo a designação original no sul e oeste do Estado ainda hoje, a exemplo da região platense.

○ CONTEXTO: GEOGRAFIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE

○ estudo histórico preliminar dos fatos que deságuam na atividade pastoril rio-grandense, e seu percurso através de quase dois séculos que a pesquisa abrange, é o ponto de partida para a compreensão da arquitetura estancieira. Os fatores geográficos são igualmente preponderantes, contribuindo para a caracterização dessa produção sob três diferentes aspectos. O primeiro deles relaciona-se ao processo ocupacional, com sua estratificação cronológica refletindo a adoção de padrões construtivos e figurativos vigentes em momentos distintos. O segundo refere-se à posição física de regiões com diferentes recursos mesológicos, resultando em possibilidades materiais distintas, e aos vínculos socioculturais e polarizações comerciais destas regiões, recebendo a influência de práticas construtivas e repertórios específicos. O terceiro aspecto envolve a influência



climática, contribuindo para uma particularização das formas dessa arquitetura. Complementa este contexto gerador da arquitetura estancieira, a sociedade que se constitui no local, com indivíduos de procedências, funções e posições hierárquicas distintas, desenvolvendo uma atividade econômica e uma cultura específicas.

A geografia define o relevo e a cobertura vegetal de pastagens, propiciadores da vocação pecuária do território como atividade econômica. Suas particularidades físicas contribuíram para a definição de alguns rumos tomados na ocupação do estado. A estreita faixa costeira entre o mar e os Aparados, com “a rendilha caprichosa do litoral, as suas praias arenosas, cortadas de restingas magras, as matarias espessas do interior, dão pouco cômodo ao deslocamento e ao repasto dos grossos rebanhos”,² forçando a criação de um caminho pelos Campos de Cima da Serra, que permitisse alimentar o gado em marcha. A derivação sucessiva dos caminhos abertos para oeste do Estado, em busca de criatórios, especialmente de mulas, consolida a ocupação do Planalto Médio e Missões, sucessivamente. Obstáculos físicos foram entraves à criação de rotas e conseqüente ocupação. A Serra catarinense conteve a abertura do Caminho do Viamão, sendo vencida por Souza Faria em 1728, através de Araranguá. Igualmente o Caminho Novo da Vacaria apresentou dificuldades para atingir as Missões diretamente, rompendo a serra rio-grandense através do Passo Fundo, em 1819.

A ocupação rio-grandense através das estâncias inicia-se com o segundo quartel do século XVIII, pelo Litoral (Campos do Viamão) e Depressão Central, alastrando-se gradualmente para oeste. Campanha e Missões são ocupadas posteriormente, a partir da definição de fronteiras no começo do século XIX e da abertura de caminhos de tropeiros atingindo aqueles campos. A indústria regional do charque surge no final do século XVIII, implementada por cearenses em fuga da grande seca de 1777, estabelecendo-se principalmente na região do Canal de São Gonçalo. A pecuária do sul do Estado direcionou-se para a indústria do charque da refinada Pelotas, entre outros centros salgadeiros menos importantes, como os estabelecidos no Rio Jacuí, enquanto o norte manteve o vínculo com a



Estância do Cristal, Canguçu. Sítios elevados e fachadas principais voltadas de leste a norte foram constantes nas casas estancieiras.

Foto do autor

Sorocaba dos tropeiros rústicos, centrado no comércio de gado em pé, especialmente de muare. O sul conecta-se igualmente a Montevideu e Buenos Aires, através da navegação pelo porto de Rio Grande e pelo Rio Uruguai; e por via ferroviária implementada nas últimas décadas do século XIX. Enriquece e sofisticada-se. O norte preservou sua rusticidade, como testemunhou Nicolau Dreys em 1839, registrando que “a presença do homem pouco fez em benefício desses lugares; suas moradas foram construídas pela necessidade: ali não aparece luxo algum”,³ referindo-se aos Campos de Cima da Serra. Deste modo, o processo ocupacional demonstra que o Rio Grande do Sul podia ser dividido em dois hemisférios diferenciados: o norte composto pelos Campos de Cima da Serra, Planalto Médio, e Missões; e o sul, composto pela Depressão Central, Serra e Encosta do Sudeste, Campanha, e Litoral.

A História demonstra que os lagunenses, descendentes de paulistas, foram os pioneiros no território gaúcho, seguidos por gente de São Paulo, entre outros contingentes humanos menos expressivos. Povoadores de outras procedências somaram-se gradualmente. Juntamente com a literatura histórica e sociológica, os primeiros livros de batismos do Rio Grande do Sul são fontes confiáveis para conhecermos a composição étnica dos primeiros tempos, descrevendo simultaneamente ascendências paternas, os padrinhos, e a procedência de muitos dos mencionados. São portugueses provenientes de diferentes arcebispados, especialmente de Braga, Porto, Évora e Lisboa; brasileiros dos bispados do Rio de Janeiro, Bahia, de São Paulo e Laguna; ilhéus de Faial, São Jorge, Terceira ou Pico; gente natural de Sacramento; índios paulistas, minuanos, tapes, ditos “castelhanos” quando provenientes das Missões de Buenos Aires, Santiago, São Borja, entre outras; e negros ou “pardos”, escravos ou forros, de nação Benguela, Mina e Angola, principalmente.

Quanto ao grupo humano, destaca-se ainda a presença do indígena ocupando posição de peão, no manejo do gado, dando origem ao gaúcho; a miscigenação observada por viajantes como Saint-Hilaire na Campanha e Missões, onde foram flagradas uniões entre índias e milicianos agraciados com sesmarias;⁴ e o pequeno número de escravos na sociedade pecuarista, demonstrado com frequência nos registros de viajantes do século XIX. A composição hierárquica pode ser avaliada através da descrição de Dreys: “A estância é servida ordinariamente por um capataz, e por peões, debaixo da direção daquele; às vezes os peões são negros escravos, outras vezes e mais comumente são índios ou gaúchos assalariados; sua ocupação consiste em velar sobre os animais, contê-los nos limites da estância, reuni-los, guardá-los e apartá-los quando é mister”.⁵

As características do grupo humano que constituiu esses núcleos rurais, sua composição étnica, suas procedências e a hierarquia social, auxiliam afirmações em dois sentidos. O primeiro, relativo à procedência dos diferentes segmentos humanos, indica fontes referenciais e vínculos de tradição construtiva, composição interior e repertório da arquitetura que emerge. O segundo sentido refere-se à compreensão do programa de



2
Sede rural em Cachoeirinha. Conhecida como a casa de João Batista Soares, possui extensa atafona anexa destinada originalmente à fabricação da farinha de mandioca.

Foto do autor



3
Vista do conjunto de edifícios da Estância do Batovi, com a capela alinhada à direita.

Foto do autor

4
Estância da Lapa, Encruzilhada do Sul, com capela anexa à fachada, à esquerda.

Foto do autor

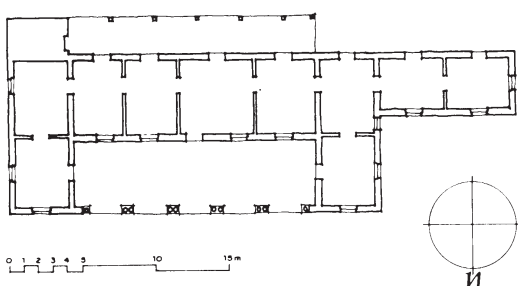




5

A sede da Granja Ernestina com sua grande *loggia* frontal, em Uruguaiana. Vista frontal e planta baixa.

Foto e desenho do autor



necessidades e agenciamento dos espaços da casa sede, com suas hierarquias, costumes sociais e religiosos.

A CASA SEDE E SEU CONJUNTO

As fazendas pecuaristas tiveram em suas sedes um conjunto variável de elementos construídos e naturais, em função de regionalidade e ênfases produtivas, tendo sido submetidas a determinados procedimentos de implantação sistemáticos. Um destes procedimentos foi a escolha invariável de sítios elevados, sobre coxilhas, seguida da decisão de orientar⁶ as fachadas frontais de leste a norte (Fig. 1). Estas fachadas continham, de modo geral, as aberturas dos principais cômodos, que resultavam mais salubres. A presença de pomares e caponetes foi outra constante, adotada por um empirismo que visava proteger as sedes dos ventos frios de sul e sudoeste (pampeiro e minuano). As senzalas foram registradas com freqüência pelos viajantes, mas por sua precariedade construtiva não resistiram ao tempo. Os galpões e paióis são outra constante de programa nas sedes com ênfase na pecuária, sendo em alguns casos substituídos pela presença de atafonas⁷ (Fig. 2), onde a produção agrícola ganha importância. O galpão é descrito por Arsène Isabelle (1834) como um quarto de hóspedes: "Na maioria das estâncias ou fazendas há um rancho aberto, sem outro móvel que um barril ou talha d'água, um chifre, um banco ou dois, e raras vezes, uma cama de lona estirada, feita com correias de couro não curtidas: é o que os brasileiros chamam de casa de hóspedes".⁸ A exemplo do restante do Brasil, as capelas estiveram presentes nas propriedades mais abastadas, eventualmente isoladas do corpo da casa, como nas estâncias São Luís e Batovi (Fig. 3), respectivamente em Dom Pedrito e São Gabriel; às vezes agregadas à fachada com acesso independente, como no caso da Lapa (Fig. 4), em Encruzilhada do Sul; outra vez interiorizadas, transformando-se, na maior parte dos casos, em um oratório.

Quanto à casa sede, o programa de necessidades manteve-se semelhante à tradição rural brasileira, com exceção dos alpendres, nunca frontais no caso local, ressalvadas raras exceções, como a platense Granja Ernestina (Fig. 5). A principal diferença programática frente às casas grandes cafezeiras e açucareiras é a redução proporcional das primeiras, de suas áreas sociais, e do número de aposentos. O fator econômico pode apresentar assimetria entre o sul e as regiões ricas referidas, pela liquidez financeira e fluxo de capitais das exportações de açúcar e café, mas não sustenta sozinho a questão. Saint-Hilaire comenta em algumas passagens as grandes fortunas de que são possuidores os estancieiros, embasando o descarte proposto: "Várias vezes tenho assinalado a existência de homens muito ricos nesta Capitania. Inúmeros são os estancieiros que dispõem de renda de até 40.000 cruzados. Todavia, em suas casas nada existe que anuncie tal fortuna. O major Felipe, por exemplo, é possuidor de 40.000 cruzados; entretanto, um campônio francês, com mil escudos de renda, vive com mais conforto."⁹

Tudo leva a crer que a simplicidade das casas e o modo de vida sejam resultado de uma convergência de mais fatores, além dos recursos econômicos prováveis. Um desses fatores refere-se à escassez de mão-de-obra local, que se comprova em depoimentos como: "...mesmo pelo fato de serem menos numerosos, parecem-me melhores e mais felizes. O preço que se pagava por um escravo era alto, havendo muita dificuldade para consegui-los, o que em parte pode justificar o bom trato que lhes davam; desconfio, porém, que o motivo mais poderoso deve ser procurado na temperatura mais moderada da região, que permite que os senhores compartilhem de seus trabalhos".¹⁰ A situação nas monoculturas é inversa, com abundância de mão-de-obra ociosa nas entressafras tornando-se potencial à construção ou ampliação das sedes rurais. Ao que se soma uma evidente redução do aristocracismo, em função das condições de pioneirismo, da distância da Corte, que é percebida pela proximidade dos patrões aos trabalhadores detectada na citação anterior, ou em passagens como: "Os senhores trabalham tanto quanto os escravos...".¹¹ Deve ser considerada também a necessidade de ocupação dos latifúndios por novos postos ou sedes, pelos descendentes, que neste caso parece não terem permanecido agregados a famílias patriarcais, como nas "casas-grandes" açucareiras e cafeeiras.

CONSTRUÇÃO E FORMA

A arquitetura estancieira dos primeiros tempos foi primitiva, como se confirma pelo depoimento de viajantes como John Luccock (1809). Fato evidente pela carência de materiais como tijolos e telhas, ferragens, esquadrias, ou de mão-de-obra qualificada. Algumas passagens atentam para a questão, merecendo transcrição: "...uma descrição da casa dele pode bem servir de retrato das habitações dos estancieiros de condição inferior, não só desta província, como de toda a região que se estende desde o rio Paraná até o oceano. Era feita de um arcabouço de madeira, a que se prendiam barrotes por meio de cavilhas ou vergonetas de uma planta aqui chamada cipó... O teto é feito de capim longo e grosso, o piso de terra batida, e os aposentos não possuem lareiras".¹²

O pau-a-pique teve como solução evoluída a casa de arcabouço de madeira, tecnologia desenvolvida nas Minas em função dos sítios íngremes, que sofreu "torna viagem" para São Paulo, no século XVIII, na arquitetura roceira. O único remanescente local nessa tecnologia foi encontrado na região de São Sebastião do Caí, com enchimento de tijolos (Fig.6), existente antes da chegada dos colonizadores alemães, em 1824. A taipa de pilão já apresentava sinais de decadência de confecção e uso, conforme Luís Saia,¹³ em meados do século XVIII, quando toma impulso a ocupação do território sulino. Uma alternativa passava a utilizar-se em São Paulo e "Campos Gerais", a que Jaelson Trindade¹⁴ denominou taipa francesa,¹⁵ utilizada com freqüência nas casas gaúchas de construção mais sólida, anteriores ao uso de tijolos.



6

Ruínas de uma sede rural estruturada com arcabouço de madeira, em São Sebastião do Caí.

Foto do autor



7

Estância do Socorro, em Vacaria, utilizando tábuas de araucária como vedação.

Foto do autor

Duas alternativas regionais merecem ser mencionadas. Uma delas, rudimentar, é a prática dos ranchos de torrão, que consiste na confecção de paredes através da sobreposição de placas de grama com a terra agregada às suas raízes (leivas), e cobertura usual de capim santa-fé. A outra refere-se às “casas de araucária”, que se utilizaram da madeira abundante dos Campos de Cima da Serra e Planalto Médio, com tábuas verticais para a vedação. Uma remanescente deste modo construtivo é a sede da fazenda do Socorro (Fig.7), ao norte de Vacaria. O uso de tijolos iniciaria um processo construtivo com elementos industrializados, com possibilidades de paredes mais esbeltas e maior proporção de aberturas, que, aliadas à produção crescente de artefatos como esquadrias, propiciariam casas com vãos mais próximos e maiores a partir da segunda metade dos oitocentos, como requeria um contexto mais amplo a caminho de uma modernização. A seqüência clássica de ilustrações de Lúcio Costa, em Documentação Necessária, ainda é a melhor demonstração desta trajetória “desmaterializante” da arquitetura brasileira (Fig.8).

Quanto à linguagem utilizada na casa estancieira no momento inicial, pode-se dizer que ocorreu uma apropriação da arquitetura que se praticava em Laguna e São Paulo, mais precisamente em Sorocaba, centro da atividade tropeira, além de outras regiões da cultura luso-brasileira envolvidas na ocupação. Essa arquitetura sofreu adaptações gradualmente, como resposta aos condicionantes geográficos e culturais locais, transformando-se numa expressão regional. Posteriormente as influências ecléticas “afrancesadas” e de outras tendências começam a permear essa arquitetura, irradiadas desde Buenos Aires e Montevidéu, ou diretamente da Europa. Arquitetura que se viabilizou pelo coincidente ingresso, à época, do uso de materiais industrializados na construção, como os tijolos, que vão permitir alvenarias mais esbeltas e precisas, e acessórios como balaústres, cimalkhas e urnas decorativas, típicos do repertório classicizante. As coberturas, comumente resolvidas com telhas cerâmicas do tipo capa-e-canal com beirais, passam a ser encerradas por platibandas, dentro desta tendência (Fig.9). Isso ocorre especialmente na região da Campanha e sul do Estado, a partir do afrouxamento das fronteiras platinas, em meados do século XIX. Aliás, a presença francesa no Prata se faz sentir ao longo do rio Uruguai, como comprova-se em Avé-Lallemant: “Só franceses existem mais de cem no lugar, entre eles gente de muito boa educação e de irrepreensível conduta. Em Uruguaiana, quase não se reconhece uma cidade brasileira, mas uma hispano-francesa que parece apoiar-se, em suas relações de vida e de comércio, mais em Buenos Aires e Montevidéu do que em Porto Alegre e Rio Grande”.¹⁶



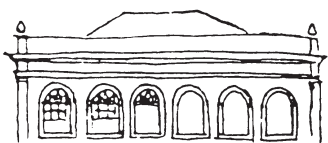
século XVII



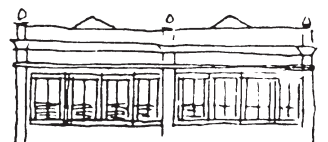
século XVIII



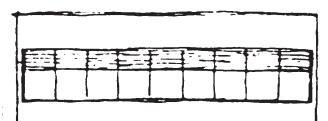
1800



1860



1900



1930

8

A trajetória da casa brasileira segundo Lúcio Costa.
COSTA, 1962

FORMAS DE DISTRIBUIÇÃO INTERIOR NA CASA ESTANCIEIRA

A distribuição interior das edificações constitui uma fonte importante de subsídios ao estudo da arquitetura tradicional. Através dos arranjos interiores podem ser percebidos possíveis precedentes arquitetônicos e sínteses de novas tipologias regionais.

A partir de critérios de configuração interior, a casa estancieira pode ser classificada em dois grupos. O primeiro deles enquadra construções onde a distribuição ocorre através de circulações especializadas. A tipologia predominante é a que se utiliza de um arranjo semelhante à chamada “morada-inteira”, onde a circulação central organiza a planta, conduzindo desde a entrada, ao longo de salas e alcovas, até uma sala posterior geralmente ampla. Paulo Thedim Barreto ocupou-se pioneiramente do estudo deste padrão tipicamente urbano, em seu ensaio “O Piauí e sua Arquitetura”, publicado pela Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Enquadram-se neste conjunto as sedes da Lapa, Gruta, Santo Onofre (Fig.10), entre muitas outras. Parecem ter como precedentes tipológicos distantes os padrões arquitetônicos organizados por Sebastiano Serlio em seu sexto livro, além da dita “morada-inteira”, exhaustivamente aplicada em todo o Brasil português (fig.11). Permitia uma privacidade satisfatória, o que dificilmente ocorria na forma de distribuição tradicional, através dos próprios cômodos.

O segundo grupo caracteriza-se por edificações que não possuem circulações especializadas, onde a distribuição ocorre diretamente através dos cômodos. Este grupo, por sua vez, pode dividir-se em dois subgrupos, um dos quais formado por casas pavilhonares, onde os compartimentos dispõem-se seqüencialmente, com a circulação através dos mesmos, às vezes em enfilade. São características deste grupo as sedes da estância Arvorezinha (Fig.12), em Piratini, e Granja Ernestina (Fig.5), em Uruguaiana; a primeira com precedentes tipológicos distantes no *palazzo* urbano renascentista ou nos mosteiros enclaustrados, tanto pela organização em torno do pátio, como pela opção de circulação através da galeria interior; e, a segunda aproximando-se de certos tipos hispânicos, como estâncias pecuaristas platinas, casas rurais através da América espanhola (Fig.13) e de forma mais ancestral o palácio de D. Diogo Colón (Fig.14), em São Domingos, do início do século XVI. O outro subgrupo é composto por casas em três “lanços”,¹⁷ de planta tendendo ao quadrado, onde o corpo central distribuidor é composto por uma ou mais salas contíguas, ou por duas salas intermediadas por alcovas e circulação; os compartimentos dispostos nos dois flancos são dedicados a dormitórios e outros espaços mais privativos. É análoga à tipologia da casa tropeira da região de Sorocaba, que se desenvolveu igualmente pelo caminho de tropas desde os Campos Gerais até os Campos do Viamão; ou dos sucessivos destinos posteriores das rotas de tropeiros em direção a oeste, através dos Campos de Cima da Serra e Planalto Médio, em direção às Missões, à Campanha e à fronteira com a Argentina, de onde eram contrabandeadas as melhores mulas. São exemplos deste grupo as sedes das estâncias Capelinha e Irapoazinho, em Cachoeira do Sul, Cerro Formoso, em Lavras do Sul, e Tabatingaí, em Rio Pardo (Fig.15).

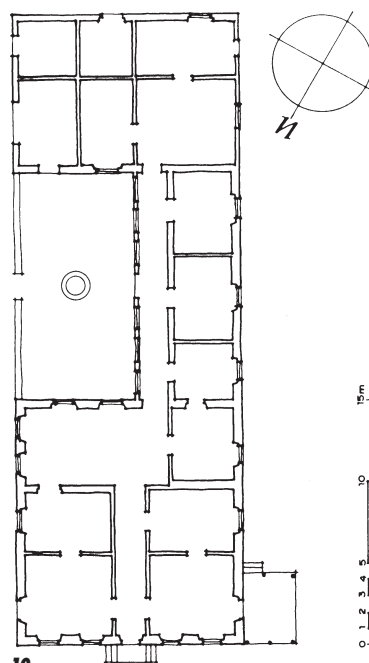
Um exame comparativo das plantas baixas demonstrará a descendência das casas tropeiras e roceiras, surgidas no século XVIII, da casa dita “bandeirista” (Fig.16). A tipologia matriz, de sala central com



9

Estância do Seival, em Canguçu, com platibandas coroadas por urnas, cornija, pilastras e portões laterais.

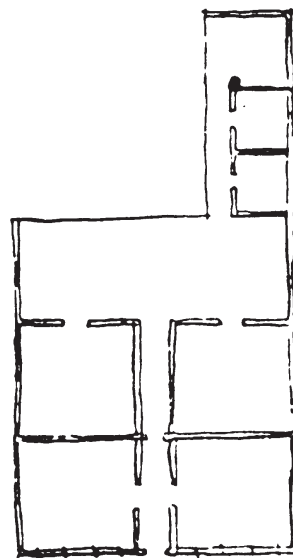
Foto do autor



10

Planta baixa da sede da Gruta, um exemplo da solução usual com circulação central.

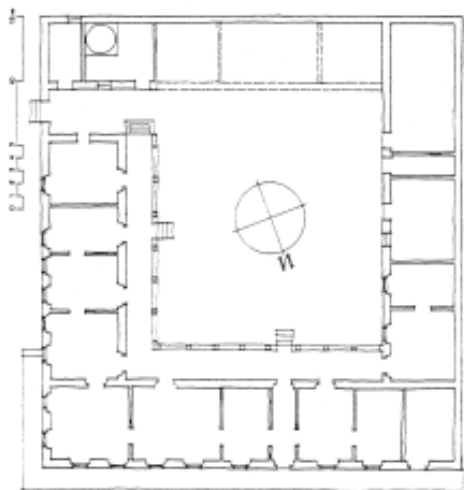
Desenho do autor



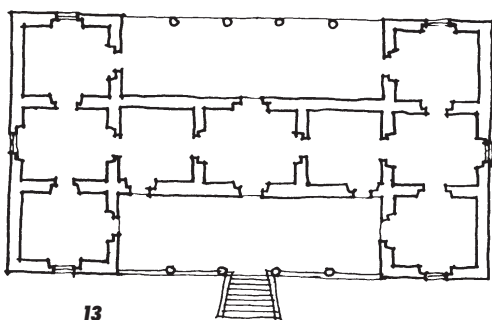
11

Planta baixa do tipo “morada-inteira”.

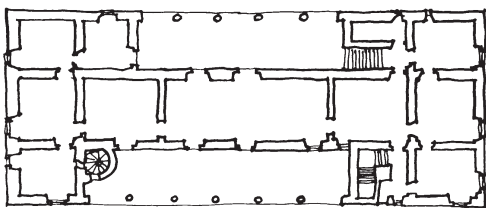
BARRETO, 1957



12
Estância Arvorezinha em Piratini. Vista frontal e planta baixa.
Foto e desenho do autor



13
Planta baixa da Fazenda El Paraíso, Cáli.
Desenho do autor a partir de AMARAL, 1981



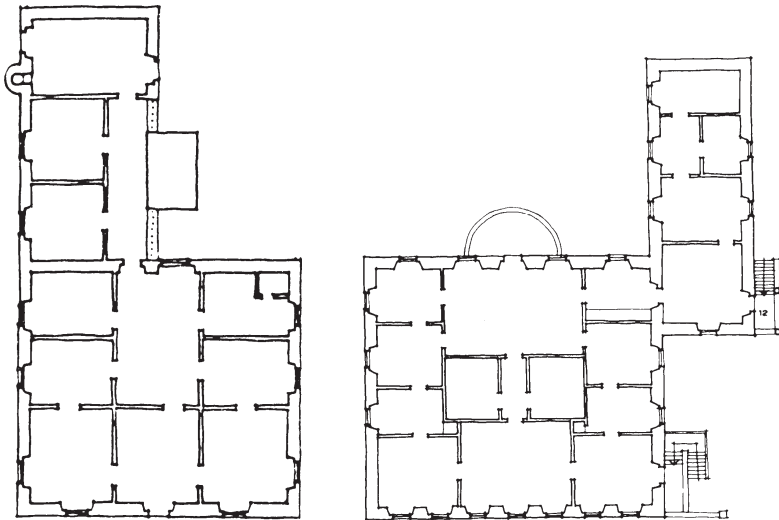
14
Planta baixa do Palácio de D. Diego Colón, São Domingos.
Desenho do autor a partir de MORENO, 1994

loggia frontal, é adaptada às necessidades do novo modelo sócio-econômico. Ocorre uma especialização das funções do programa, através da segregação dos ambientes de convívio. Substitui-se a *loggia* pela sala frontal, separada por uma circulação entre alcovas da sala posterior, esta comumente chamada de varanda, dedicada à intimidade e às refeições.

Se tentarmos retroceder mais um pouco, definindo a genealogia da casa “bandeirista”, forma-se uma interrogação sobre a procedência desse tipo repetido intensamente na região paulistana, objeto de pesquisas discordantes de Luís Saia, Carlos Lemos e Aracy Amaral, destacadamente. Luís Saia, o pioneiro, trabalhou sobre os “restos”, como denominou os doze exemplares remanescentes à época. Destaca “a planta-tipo, repetida com riqueza de variantes em todos os ‘restos’, e também identificável em eventuais descrições no documentário da época”, como sendo de procedência erudita. Segue dizendo que “foi publicada por Paládio, em 1570, e a esse arquiteto da Renascença foi inspirada pelas pesquisas que realizou na zona da ‘terra ferma’, do norte italiano em ‘restos’ de habitações primitivas, então chamadas castelos”. Aracy do Amaral tenta demonstrar a ligação dessa tipologia à América espanhola,¹⁸ aproximando-se de Saia, por isto mesmo lembrando o nome de Palladio. Ventila a hipótese da tipologia ter sido implantada pelos jesuítas, visto que “a disciplina da planta poderia, de fato, apontar para um jesuíta, proprietária a Companhia de Jesus de numerosas glebas de terra nos arredores da cidade, posto que o nível intelectual mais elevado do planalto estava, sem dúvida, sobretudo entre os da Companhia”. E Carlos Lemos apega-se aos inventários e testamentos paulistas dos três primeiros séculos, como forma de solapar a tese de Saia, rechaçando igualmente a tese de Aracy Amaral. Lembra a possibilidade de essa tipologia ter sido implantada a partir de exemplo na arquitetura militar, mencionando a edificação no Forte de São João de Bertioga, e um desenho arcaico do frontispício do quartel da Fortaleza da Barra, ambos localizados em Santos.¹⁹

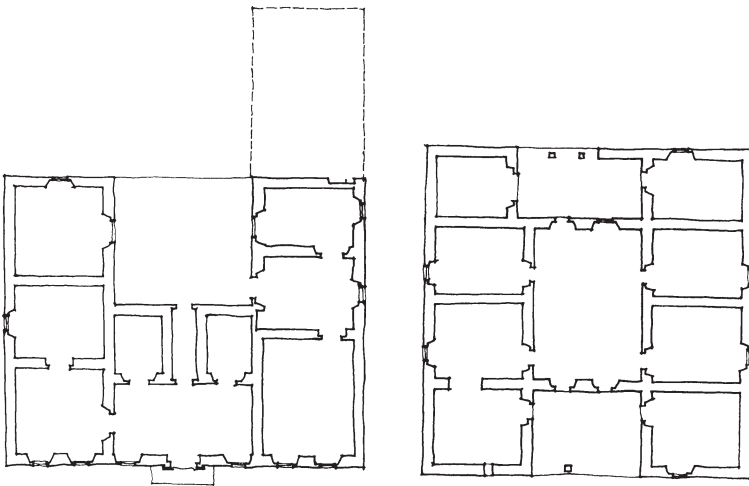
O fato é que nenhuma das *ville palladianas* apresentou a solução de sala central de forma tão clara como as propostas por Serlio, que parece ter influenciado mais as colônias latino-americanas pela sua abordagem genérica, do que Palladio em sua especificidade.²⁰ Em Palladio o tramo central transforma-se numa seqüência de espaços como *logge* ou átrios, passagens guarnecidas por pequenos cômodos ou escadas e salas. O tratado de Serlio deteve-se no registro literal de tipos usuais, em parte, enquanto Palladio enfatiza suas próprias criações, onde os arranjos interiores possuem boa dose de invenção embasada sobre a geometria. Um fato difícil de ser explicado, pois o sexto livro de Serlio, que apresenta a arquitetura doméstica, não foi publicado na época, tendo se mantido disponível em dois manuscritos apenas. É plausível concebermos a tipologia de sala central como uma solução de domínio público, uma síntese ideal extensamente utilizada.

Um terceiro grupo híbrido pode ser definido, onde existem simultaneamente as duas situações de distribuição, parte através de

**15**

Plantas baixas das sedes de Capelinha (à esquerda) e Cerro Formosa, em Cachoeira do Sul e Lavras do Sul, respectivamente.

Desenhos do autor

**16**

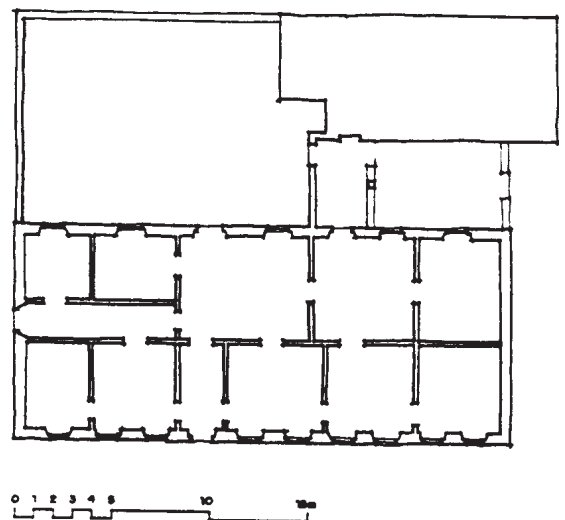
Plantas baixas da casa tropeira "Passa Três" (à esquerda) em Sorocaba, e da bandeirista "Mandu" em Cotia.

Desenhos do autor a partir de LENOS, 1978

circulações especializadas, outra parte através dos próprios compartimentos contíguos. É neste conjunto que se enquadram sedes como a da estância do Seival, Criúva e São José, respectivamente localizadas em Caçapava do Sul, Tapes e Cachoeira do Sul (Fig. 17).

ANÁLISE COMPARATIVA

Neste momento torna-se esclarecedora a comparação das plantas baixas de diferentes períodos e regiões (Fig. 18), onde estão visíveis semelhanças que podem indicar soluções referenciais entre gerações de casas. Poderíamos estabelecer uma primeira geração quinhentista, na qual figuram exemplos (da esquerda para a direita) de tipologias de sala central com *loggia*, de Serlio (dois projetos teóricos do 6º livro), e Palladio (*Palazzo Antonini*, em Udine), além de exemplo em enfilade do Palácio de D. Diego Colón, em São Domingos (1509). Numa segunda geração incluem-se casas bandeiristas de São Paulo: Padre Inácio e Mandu (ambas em Cotia); e dois exemplos da América espanhola, de onde surgiu o termo *abanderar*: a Quinta Anauco (em Caracas), de salas centrais, e El Paraíso (em Cáli) em enfilade. Note-se a tangência entre as duas últimas concepções. A

**17**

Planta baixa da sede de Seival, em Caçapava do Sul.

Desenho do autor

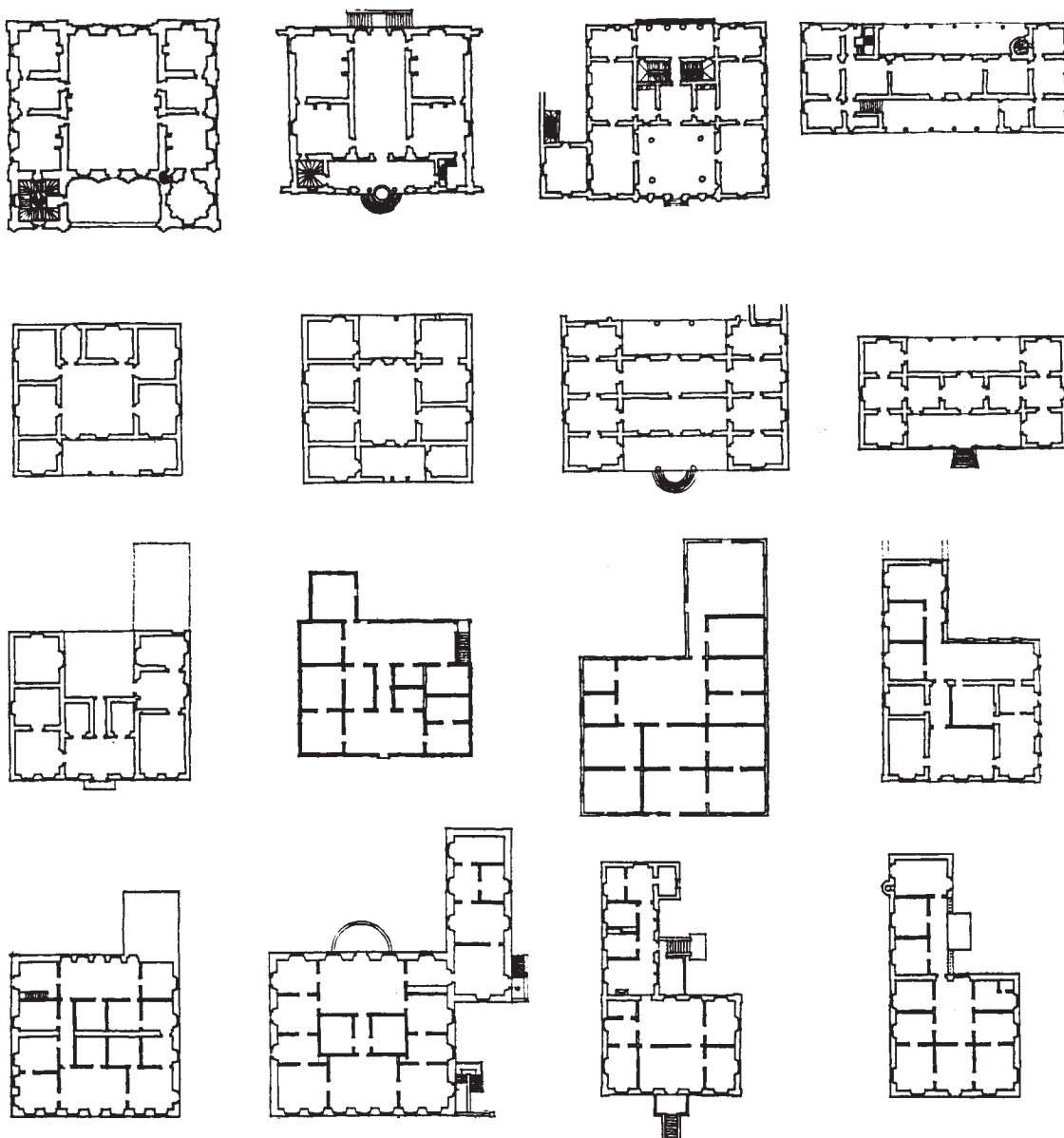
terceira geração apresenta casas paulistas roceiras e tropeiras do final do século XVIII e século XIX: as sedes da Fazenda Passa Três ou Brigadeiro Tobias (em Sorocaba), da Fazenda Pimenta (em Boituva), do Engenho Chapadão (em Campinas) e de Tenente Carrito (em Itapetininga). E por fim, uma geração de casas estancieiras oitocentistas é ilustrada pelas sedes de São Fernando (Alegrete), Cerro Formoso (Lavras do Sul), Nova do Tabatingay (Rio Pardo) e Capelinha (Cachoeira do Sul).

São diversas as associações que podem ser estabelecidas, apresentando permanências e transições nas distribuições interiores das sucessivas gerações. Na primeira, há um consensual alpendre frontal guarnecido por dois volumes. A aparente unidade tipológica é rompida se considerarmos a distribuição interior, sendo os três primeiros exemplos

18

Matriz com exemplos de diferentes períodos e regiões, demonstrando soluções interiores análogas entre gerações.

Desenho do autor a partir de fontes variadas



dos tratadistas tipos de sala central e o Palácio de São Domingos uma tipologia de salas seqüenciais.

A segunda geração, constituída por casas de alpendre frontal, executadas em *tierra apisonada* (taipa de pilão) de regiões latino-americanas distantes da cal, demonstra a unidade dos primeiros séculos com as colônias hispânicas, talvez obtida pelos jesuítas. As sedes de Padre Inácio e Mandu caracterizam-se pela sala central única, compartimentada no exemplo da Quinta Anauco, numa provável especialização da sala de visitas e refeições. O exemplo de Cáli representa uma continuidade das casas pavilhonares com distribuição em enfilade, ao modo do palácio de Colón. Os estudiosos do caso paulista demonstraram a existência de cozinhas isoladas, nos fundos, e, em casos como Mandu, a utilização do alpendre posterior como tal, precursor das varandas setecentistas.

A terceira geração é composta por casas rurais exclusivamente paulistas, construídas desde o último quartel do século XVIII (Passa Três), até meados do século XIX (Tenente Carrito). As sedes do Engenho Chapadão e da Fazenda Pimenta são da primeira metade dos oitocentos. Passa Três representa a eliminação do alpendre frontal e a transformação do eventual alpendre posterior em varanda - espaço de convívio e refeições, com uma ou mais laterais abertas ou gradeadas por balaústres de madeira. Sua semelhança com o exemplo de Palladio é curiosa. Os "puxados" de serviços institucionalizam-se a partir da modificação da sociedade bandeirista em roceira e tropeira, que passa a permitir a agregação de compartimentos "menos nobres ao corpo da casa", segundo Luís Saia.

O último grupo, composto pelas casas rio-grandenses, tem na sede da estância Capelinha (à direita), de fins do século XVIII ou início de XIX, um exemplo de tipologia de planta tripartida, com distribuição através das duas salas centrais. Seus "puxados" são organizados como um ala anexa. A sede da estância Nova do Tabatingay (ao lado da Capelinha) mantém a tripartição clara, com a sala central dividida em duas, e ala de serviços posterior. A sede da estância São Fernando (esquerda), de meados do século XIX, apresenta uma tripartição menos marcante, e as alcovas interiores são deslocadas lateralmente à passagem entre sala frontal e sala de jantar, ao modo das sedes Passa Três e Pimenta. Por fim, a sede do Cerro Formoso, de 1860, apresenta uma composição classicizante de planta baixa e tratamento externo, porém a matriz de distribuição interior é idêntica à utilizada em Passa Três e Pimenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um olhar atento à trajetória da casa estancieira pode sugerir uma interpretação de sua evolução como produto regional. Essa arquitetura parece ter atingido seu apogeu de inteligência empírica em meados do século XIX, através de uma experimentação prática que incluía apropriação de materiais locais e métodos construtivos compatíveis com esses materiais, soluções em busca de um maior conforto ambiental, dentro de uma combinação de repertório restrito de elementos de arquitetura de

comprovada correção construtiva e estética. A partir das últimas décadas do século XIX, alguns fatores concorreram para a substituição daquele corpo de conhecimentos sedimentado. Com a introdução crescente de manufaturados como tijolos, esquadrias e outros elementos *standard*, e com as influências externas na concepção formal, de características ecléticas e *art-nouveau*, passam a ser adotados elementos estranhos, como platibandas e alpendres, novos partidos arquitetônicos, alterações na relação entre cheios e vazios, entre outras modificações, que vão encerrar definitivamente o processo empírico de aperfeiçoamento dessa arquitetura como produto local.

NOTAS

- 1 LUCAS, Luís Henrique Haas. *Estâncias e fazendas: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1997 (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitetura, 1997.
- 2 VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil: o campeador riograndense*, 2^o vol., Belo Horizonte-Universidade Federal Fluminense, 1987, v.2, p. 28.
- 3 DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990, p. 92.
- 4 AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte-São Paulo: Itatiaia-EDUSP, 1980, p. 108: "Quase todos os milicianos acantonados nesta parte da fronteira meridional são assim amasiados com índias"; e, Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem ao Rio Grande do Sul*, Belo Horizonte-São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1974, p. 136: "O miliciano trazia consigo sua mulher, uma índia".
- 5 DREYS, op. cit., p. 94.
- 6 O termo orientar designa voltar para oriente, sol nascente.
- 7 Moendas tracionadas por bois, destinadas à fabricação de farinha de mandioca, comuns nas casas rurais da região próxima a Porto Alegre.
- 8 ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 35.
- 9 Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: EDUSP, 1977, p. 193.
- 10 LUCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: EDUSP, 1975, p. 141. E mais: "A criação do gado, como é feita no Rio Grande do Sul, pede muita terra e pode ser realizada com poucos braços: aliás, geralmente é feita por si mesma e por isto praticada com pouco cuidado". Ver também AVÉ-LALLEMANT, pág. 375.
- 11 SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 47.
- 12 LUCOCK, op. cit., p. 130 e 131.
- 13 SAIA, Luís. *Morada paulista*, São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 81 e 82.
- 14 TRINDADE, Jaelson B. *Os Tropeiros*, São Paulo: Publicações e Comunicações, 1992, p. 86.
- 15 A taipa francesa foi uma modalidade de alvenaria de paredes grossas constituídas de pedras irregulares e barro.
- 16 AVÉ-LALLEMANT, op. cit., p. 298.
- 17 O termo "lanço" foi utilizado nos inventários e testamentos paulistas dos primeiros séculos, e adotado por Carlos Lemos em seus estudos.
- 18 Aracy Amaral apresenta casas da América espanhola nas quais o uso da taipa de pilão, a presença de alpendres frontais entre dois volumes, detalhes artesanais de carpintaria, além da arte religiosa (arte na qual tem autoridade científica), demonstram semelhanças à casa bandeirista. No caso das plantas baixas, faz uma leitura rápida, ignorando o detalhe de que a casa da América hispânica apresenta uma ênfase à solução pavilhonar de enfilade com corpos nas extremidades, ao modo da casa de D. Diego Colón, enquanto a paulista baseia-se na planta de sala central. Em: *A Hispanidade em São Paulo*. São Paulo: Nobel-EDUSP, 1981.
- 19 LEMOS, Carlos A. C. *Casa Paulista*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 66 e 67.
- 20 Este refletiu-se sobre as colônias da América saxônica, através do palladianismo que se desenvolveu na Grã-Bretanha a partir de Inigo Jones.

Luís Henrique Haas Luccas

Arquiteto, mestre em arquitetura pelo PROPAR/UFRGS e doutorando pelo mesmo Programa. Leciona na disciplina Prática de Projeto Arquitetônico IV, orienta alunos no Trabalho Final de Graduação, e dedica-se à pesquisa no Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.